



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ALINE PELLEGRINO (3)

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-481

Entrevistada: Aline Pellegrino

Nascimento: 07/06/1982

Local da entrevista: Hotel Plaza São Rafael - Porto Alegre

Entrevistadora: Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 03/09/2014

Transcrição: Thayná Lima Fagundes

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 28 minutos e 42 segundos

Páginas Digitadas: 12 páginas

Observações:

Entrevista produzida para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

A finalização da carreira de atleta; A transição do campo para a comissão técnica; Adaptação como treinadora; Convite oficial para treinar um time de bom nível; Prazer por ser treinadora; Dificuldades de estar à frente de uma equipe; Frustração com o futebol feminino; Participação no Guerreiras Project; Atuação como palestrante; Situação da modalidade no país.

Porto Alegre, 03 de Setembro de 2014. Entrevista com Aline Pellegrino a cargo da pesquisadora Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Aline, na última entrevista que você concedeu ao Centro de Memória do Esporte, tu falaste sobre tua trajetória como jogadora de futebol. Gostaria que tu contasse como aconteceu a transição de jogadora para treinadora.

A.P. – Como eu falei lá no começo, não lembro se falei também, se não falei vou falar agora. É o único, acho que assim, o grande sonho que eu tive, que eu coloquei para mim, eu falei: “Puts, isso eu quero fazer e sonhei realmente com isso.” Foi a questão da Educação Física, de ser professora de Educação Física. Eu tive uma Educação Física na escola que era muito legal, tinha aquela questão do professor, das aulas, de campeonatos, então eu tinha uma coisa com a Educação Física que eu gostava muito. E logo no começo da carreira enquanto ainda não estava treinando em tão alto rendimento, pensando em seleção, mas já tinha um treinador extremamente qualificado com relação à parte tática principalmente; era um treinador muito inteligente, o nosso jogo seja ele no futsal, a equipe de futsal, a equipe de futebol de campo, era uma equipe inteligente que você tinha treinamento tático, tinha toda uma questão de entendimento do jogo e aquilo eu *gostava muito, muito* de fazer, então fiquei com esse treinador por mais ou menos oito anos. Nesse período me formei e tive o René Simões¹ em 2004, que era um bom treinador. No futebol feminino, às vezes, você encontra um treinador, outro, não foi o meu caso, eu acho que eu tive muito mais bons treinadores do que treinadores assim, mas você tem um ou outro e aí você começa a, de repente, ver o treinador fazendo alguma coisa e ele falou: “Puts, se fosse eu faria diferente!” A dinâmica na verdade talvez... Então ao longo dos anos, quanto mais experiência da parte prática eu tinha junto com a formação acadêmica eu já, na minha cabeça bolava, já meio que: “Ah! se sou eu no comando ali eu faria dessa forma, eu faria daquela forma”. É que as vezes a gente bate mesmo na dinâmica de cada um, então internamente essa questão de treinadora para mim ali, muitas vezes dentro do campo é

¹ René Rodrigues Simões.

em algum treinamento alguma coisa eu já pensava como, mas ainda era atleta, então não tinha o que fazer, mas muitas pessoas ao longo da carreira me falavam: “Pô Pelle, A hora que você parar de jogar você daria uma baita treinadora!” E eu ali né, quietinha mas me animando para fazer treinamentos. Quando eu parei de jogar alguns meses depois, acho que coisa de três, quatro meses depois eu recebi um convite, um pouco antes de parar também quando eu ainda estava na Rússia, antes das Olimpíadas, eu tinha recebido um convite e aí pensei: “Bacana, isso vai virar, eu jogo as Olimpíadas, já paro de jogar e vou pra ser treinadora.” Mais ou menos, em julho de 2012 que eu tive o primeiro contato com essa possibilidade real de fazer no futebol feminino com equipes do nível bom dentro da modalidade e logo que eu parei de jogar, uns quatro meses depois eu recebi, realmente, o convite oficial para uma outra equipe. E falo para todo mundo hoje, com *maior orgulho* que, às vezes, poxa, dezesseis anos de carreira, de atleta e eu acho que esses quatro meses como treinadora, a frente do comando técnico de uma equipe, me trouxe muito mais prazer, *muito mais prazer*... Claro, foram três meses e meio, quatro meses que eu envelheci, quatro anos que eu trabalhei, porque eu tive todo o desgaste talvez que eu teria como atleta, até porque você fica ali também, bate uma bola ou outra e corre e mostra tudo e tem que estar falando e corrige e grita. Percebi que eu não tenho voz para isso, se eu tomasse qualquer negócio gelado, no outro dia eu já estava sem voz, então, às vezes eu dava treino sem voz. “Vamos, vamos...” Eu falo muito, você imagina como treinadora! Mas *me deu um prazer imenso*, tive a oportunidade de fazer um trabalho na equipe de Vitória de Santo Antão², para o Campeonato Pernambucano, a gente foi campeã, foi tricampeã, e posso... Acredito que das equipes que tiveram desde o começo da formação desse time novo do futebol feminino a equipe que eu peguei tecnicamente era mais limitada, então, me deu um prazer muito grande. Depois que você chega num resultado final, que você vê que as meninas evoluíram para caramba, entenderam o que você estava passando então a gente fez uma final contra o Sport³, bem legal, num grau de dificuldade importante que a gente saiu bem. Então, assim, a experiência para mim foi fantástica. Se você me perguntar: “O quê você gostaria de estar fazendo hoje, se tudo, todas as coisas conspirassem a favor?” Sem dúvida nenhuma, eu acho que o que eu sinto mais prazer hoje, sentiria mais prazer hoje em estar trabalhando como treinadora. Mas infelizmente

² Equipe de Futebol Feminino de Pernambuco

³ Sport Club do Recife.

tem todo um cenário e se a gente coloca na balança o peso dele não vale a pena. É financeiramente, o desgaste, uma série de coisas... Infelizmente eu tive a oportunidade também, teve né, o bônus e o ônus de ver... Fora das quatro linhas, os bastidores e aí você vê coisas que você fala: “Caramba não tem jeito mesmo, a coisa não vai pra frente”. Tentar de alguma forma mudar, às vezes tudo bem... Minha mãe brigou horrores comigo: “Tinha que ter ficado um pouco mais, tinha que ter.” Eu não sou lá pessoa também mais, flexível em alguns pontos mas eu acho que a partir do momento que você está no comando técnico de uma equipe, a decisão principal maior ali naquela situação... Claro, existirá aqui uma série de coisas mas acho que tem algumas questões técnicas que envolvem, que não dá para ceder muito. E aí eu preferi sair, mas foi assim, excelente, excelente! Agradeço todas as pessoas que me deram oportunidade de viver isso porque eu teria... Acho que minha única frustração em meio a tudo isso seria não ter tido a oportunidade de ter sido treinadora.

P.J. – E tu não quiseste continuar em nenhuma outra equipe ou não recebeu convite para ser treinadora?

A.P. - Eu até recebi um outro convite também mas era um projeto bem menor. Eu ficaria com as meninas mais novas e talvez por isso, meio que balancei e falei: “Ah, pode ser que dessa forma!” Mas aí o projeto também, como o bom futebol feminino, começou desenhado de uma forma e foi mudando, mudando, mudando, mudando e acabou que não deu certo. Foi dar certo muito tempo depois de uma outra forma e aí eu já estava fazendo outras coisas... Infelizmente o futebol feminino, a gente, as pessoas, todas as pessoas, um todo que estão, hoje vivendo do futebol feminino parece que está numa bolha que assim: “Ah futebol feminino é isso”! Então nunca tenta sair daquilo lá, nunca tenta fazer algo a mais e fica sempre naquela: “É difícil, o salário atrasa, você combina uma coisa com a jogadora e faz outra, não tem plano de saúde, faltou isso, faltou aquilo”... Então eu não consigo a frente do comando se dar muito bem com essas coisas porque eu acho... Por conta da formação de bons profissionais que eu tive também, eu acredito em determinadas coisas para que um trabalho dê certo e renda frutos e para que eu possa, perante as minhas atletas, cobrar alguma coisa delas. Então eu não posso cobrar uma coisa que talvez a minha parte aqui do extra campo também

não está dando e eu faço parte disso. Talvez eu seja perfeccionista, acredite numa coisa, um ideal que está longe mas eu não consegui lidar bem com isso e aí não é o ideal... A gente tem que ter o melhor campo, a gente tem que ter a melhor, não, independente da estrutura, seja ela a melhor ou a pior, eu acredito que tem coisas básicas que tem que ser seguidas, que não pode faltar e aí eu não consigo trabalhar fora disso.

P.J. – E no clube, como foi tu sair do campo pois algumas meninas talvez já tivessem te visto jogar ou jogado contigo. Tu sair do campo e ir para área técnica fazer essa mediação entre o clube e as atletas, como foi isso?

A.P. – É, por ser um sonho meu muito grande, por eu ter muita vontade de fazer, na minha cabeça eu já tinha tudo armado. Eu vou ser dessa forma, eu vou ser daquela, vai ser isso, vai ser assim. Uma vez eu até perguntei para elas, a gente sempre tinha uma conversa antes dos treinos: “Vocês acham que a Pelle é chata ou é legal?” Quem falou legal... Não, eu sou chata. Quem me conhece sabe, eu sou chata, tem a hora, eu sou uma pessoa, vamos brincar, vamos fazer uma bagunça, eu vou ser a mais criança de todas mas tem hora para tudo. E ali, eu a frente de um trabalho sério, de uma equipe que tem um número, um valor expressivo dentro do cenário nacional do futebol feminino: “*Nossa!*” Se eu já era chata como capitã e a maioria delas já havia jogado comigo, eu sendo a capitã, já me conheciam bem, mas você tem uma intimidade de atleta de morar no mesmo quarto, de já ter feito muita bagunça junto. Então eu sabia que em algum momento poderia ter esse contrapeso mas que ia depender totalmente de mim e da forma como eu ia lidar. Aconteceu algumas vezes, antes até de eu assumir de alguma jogadora falar: “Meu, puts, a Pelle não consigo ver, não sei quê.” E eu falei: “Daqui a pouquinho você consegue!” Dito e feito, foi bem natural. Acho que elas perceberam rápido: “Opa, espera aí né, agora de outra forma”. Lógico que tiveram os momentos de brincadeira, de descontração, mas acho que ajudou até porque a maioria das minhas atletas, lá em Vitória, foram companheiras de equipe por muitos anos no Santos⁴, algumas amigas até, é o caso da Carol Arruda, minha amiga, a gente jogou junto oito anos na Uni Sant’Anna⁵, jogou no Santos, mas eu acho que foi legal e acho

⁴ Santos Futebol Clube.

⁵ Centro Universitário Sant’anna.

que o principal de tudo, é ter saído de lá com a sensação real do trabalho cumprido, de que eu deixei alguma coisa positiva para elas.

P.J. – E se tu tivesse como pontuar, qual foi a tua maior dificuldade enquanto treinadora, o que tu destacaria?

A.P. – Eu acho que a maior dificuldade, é isso, fazer com que o corpo técnico... Porque daí a gente está falando num comando técnico; porque sou eu a técnica e você tem todo o restante da comissão, do corpo diretivo... Fazer com que toda essa turma andasse na mesma linha, eu acredito nisso. Claro, eu não pude ir num primeiro momento levando toda a minha comissão, era para ter ido mais a nossa auxiliar, acabou não dando certo. Agradeço até, porque ela tem um gênio assim...Ainda bem que ela não foi! Então acho que a grande dificuldade é isso: você acreditar numa metodologia, tentar colocar isso em prática de alguma forma ou de outra. Da minha parte, eu colocava isso em prática mas você ter a outra turma, o preparador físico, o preparador de goleiro, o diretor, o presidente, que pensam de uma forma diferente por N motivos. Nem todo mundo tem que concordar com tudo e para o futebol feminino você não consegue sentar com essas pessoas e dar a importância que eu dava. Talvez eu dê uma importância muito grande para tudo aquilo que eu estava vendo, porque de fato era e com relação a respeito, com relação ao profissionalismo delas. Cheguei cobrando muito isso da parte delas, então, da minha não podia faltar. Da minha e da nossa. Como comissão técnica não podia faltar e às vezes falta, então dá margem... Eu acho que a grande dificuldade foi isso: conseguir fazer com que entendessem a metodologia e entrassem no espírito da coisa; mas a comissão toda, o corpo diretivo todo eu não consegui, então para mim, era mais importante do que talvez para eles era mais importante mais com uma outra metodologia e isso não ajuda muito no trabalho, não tem jeito.

P.J. – E tu já tinha muito claro que tu queria parar de jogar futebol? Porque geralmente é um momento muito difícil. Como foi tomar a decisão que tu iria pendurar a chuteira em algum determinado momento?

A.P. – Eu sempre, isso aí [risos], todo mundo, muita gente não acreditou. Acho que hoje o pessoal já: “Puts, realmente ela parou”. Se bem que tem um treinador meio maluco que esses dias me ligou para jogar o campeonato brasileiro, eu falei assim: “Você está falando sério? Você não pode, você ficou comigo oito anos, você não pode estar falando sério mesmo. Você está me chamando para jogar?” E ele estava. Eu dei umas três respostas assim que ele já entendeu rápido. Parar, pra mim, pendurar a chuteira nunca foi um problema porque desde que eu comecei que eu estou querendo fazer isso. Todo santo ano! Minha mãe é testemunha, era uma choradeira: “Eu não quero, eu vou parar.” Na época de faculdade foi terrível porque você vê os seus amigos, a galera estagiando, a galera trabalhando, começando e eu ali no futebol sem receber nada: “Mãe, preciso tirar xerox aqui disso, não sei o quê”. Ainda bem que no final, ainda tinha a seleção que dava uma força e tiveram os períodos da faculdade que eu estagiava, que tinha um trabalho, eu recebia. Aí você vê o pessoal que começou estagiando e já está com uma possibilidade dentro do clube de assumir alguma parte esportiva e eu ali. Então sempre foi a questão futebol ou trabalhar? E a carreira? E a Educação Física? Foram coisas que eu briguei muito, todo tempo, principalmente final de ano, e aí tinha minha mãe... Eu usava desculpa [risos], eu vou continuar jogando porque eu ainda não me formei, então, eu tenho a bolsa, depois que eu me formei eu comecei a fazer outra faculdade, comecei a fazer fisioterapia, e porque eu estou fazendo a fisioterapia vamos aproveitar já que tem uma possibilidade de fazer a faculdade com bolsa, vamos aproveitar. Logo que terminei Educação Física eu fiz um semestre de fisioterapia e recebi um convite para ir para o Japão jogar no futebol japonês. Não recebia nada e eu falei: “Ah, então vamos jogar, porque eu vou lá no Japão, vou receber”. Aí voltei: “Ah vamos jogar, vamos ver se eu volto a fazer a faculdade”. Então eu sempre tinha uma desculpa, alguma coisa atrelada e a seleção ficou uma coisa mais séria mesmo de 2006 para frente; tinham sempre as convocações na seleção e tinha um retorno financeiro que fazia com que eu ficasse um pouco mais tranquila. Comecei a ajudar em casa, mas todo final do ano, 2006 foi um ano difícil para mim na seleção, para chegar no final e repensar eu falava: “Puts não! Eu acho que depois o diploma vai ficar lá esquecido, vai ter teia de aranha, eu vou ficar muito tempo fora da profissão”. Essa sempre foi uma preocupação e 2007 foi um baita ano, meu melhor ano talvez na seleção, meu melhor ano na seleção tecnicamente, meu melhor ano como atleta eu acho que foi o auge mesmo como atleta de performance. Daí a empolgação para 2008, outra

Olimpíada: vamos que vamos, titular e capitã... Acabei me machucando, tinha a questão do “eu preciso zerar o joelho aqui” e acabei me animando na fisioterapia e estava no Santos um projeto bacana, mas todo final do ano ali houve a ideia de pendurar a chuteira. Era uma coisa que, pra mim, a hora que acontecesse ia ser tranquilo, acho que eu peguei todo mundo de surpresa, ninguém acreditou. Eu acho que eu tive prazo de validade, bem prazo de validade mesmo. De repente tudo aquilo, eu falei: “Meu, não dá mais!” E não adianta eu forçar uma barra, as coisas começaram a me incomodar demais, e aí a Aline capitã, mediadora que sempre foi, de repente perder essa característica. Se está todo mundo em uma outra *vibe* e só eu que estou me incomodando tanto com essa situação, sou eu que tenho que ficar na minha e resolvi parar, mas foi tranquilo. Eu comecei muito cedo, eu comecei um treinamento de alto rendimento mesmo. A Maravilha⁶ estava falando do professor José Duarte e viu que o negócio era pesado. Era assim! No primeiro treino de finalização ele falou assim: “Oh filhinha, esse chute rapa bosta aí, vai lá”. Me colocou com um preparador de goleiro pra ficar chutando a bola no paredão para aprender a bater na bola. Foram dezesseis anos de carreira. Doído! Não sei se eu já falei, mas vivo falando isso nas palestras que eu dou: meu talento nessa história toda aí, não era dez, meu talento era um sete, sete e meio. Então a Aline precisava de treino. Pra mim sempre era mais complicado, sempre tinha a questão: “Putá, eu posso ser cortada, eu posso ir pra fora”. E você ser capitã, a hora que os caras te botam uma braçadeira de capitã, os caras estão te dando uma braçadeira e estão falando que você é titular. Isso é complicado, pra mim sempre foi, eu nunca tive cadeira cativa, diferente do que talvez algumas pessoas que não me conheceram ou me viram, imaginaram. Pra mim sempre foi no limite, eu sempre estive no desgaste da parte física, da parte mental. Eu acho que, dezesseis anos de carreira, puts grila, foi no limite mesmo. Então a hora que eu parei, eu parei! Acho que meu corpo estava precisando e eu até falei assim: “Obrigada, você me ajudou dezesseis anos, vou te ajudar um pouquinho agora”. Deu! Não vou ficar judiando. Então, eu parei tranquila, não senti falta, foi bem tranquilo. Tem dois anos que eu parei, eu joguei uma vez que o povo agitou. Eu falei: “Eu só jogo se for... E agora eu também só jogo no ataque”. Você começa no ataque e se aposenta no ataque e agora qualquer pelada eu só vou jogar no ataque, toda bola que vem eu faço uma graça e falo: “Gente, eu fiquei

⁶ Marlisa Walbrink. Ex-goleira da seleção brasileira.

dezesseis anos lá sem poder errar, apavorada tendo que fazer tudo, agora tudo que vier é letra”. [riso] Eu parei tranquila, sem arrependimento, sem frustração.

P.J. – E o teu envolvimento com o Guerreiras Project, como começou?

A.P. – Talvez com a frustração da modalidade, a Aline atleta. Eu tive uma carreira, me frustrei com a modalidade, depois que eu parei de jogar, depois que eu voltei de Pernambuco, me frustrei com a modalidade. E falei: “Meu, não! Chega!” Me frustrei e comecei a ver, talvez, sempre fica aquela pontinha de um...Eu falei: “Pô, caramba!” E minha mãe falava muito: “Todo esse tempo como é que vai fazer assim? Vai largar, vai parar, não vai querer mais saber de nada?” E foi quando a Caitlin⁷ retornou algumas coisas do Guerreiras e eu falei: “Ó tá aí, vamos debaixo para cima”. Porque eu estava, até então, de cima para baixo tentando mudar as coisas e naquele momento ali falei: “Meu, esquece, não dá para fazer isso!”

P.J.– Tu comentou que antes quando tu era atleta algumas coisas estavam te incomodando também...

A.P. – Sim, é um cenário complicado do futebol feminino que as pessoas acham que a gente está andando para frente quando na verdade, quando muita gente está bem paradinha. Isso não está andando para trás, ninguém preocupado com essa situação, ninguém pensando daqui um, dois, três anos, cinco anos que seja. Uma geração nova, muito talentosa, porém com pouca cabeça pensante em determinadas questões. E eu falei: “Poxa! caramba, não pode. Eu com quase trinta e dois anos, me matando aqui querendo treinar sério”. Independente, às vezes, de ser um treino que muitas vezes eu falava: “Meu, puts, isso não. Esse cara está falando uma coisa mas ele está fazendo outra”. Mas eu estava lá, fazendo, não deixava de fazer. Só que você vai ficando mais... Não é tudo que você engole, você começa com jeitinho, mas isso, você acaba sendo aquela chata. A modalidade no final de 2012 quando eu voltei das Olimpíadas, os últimos quatro meses, mais o primeiro, os dois primeiros meses de 2013 foi quando eu joguei, eu vi situações assim que: “Puts, caramba, como é que pode” A gente tá nesse

⁷Caitlin Davis Fisher.

nível de bagunça, de festa, de oba oba, como se tivesse tudo muito bom e não é essa a realidade”. Às vezes, quando vem um choque, vem um choque grande que ainda não aconteceu, espero que não aconteça, que a gente consiga perceber esse momento e se distanciar o máximo desse choque da modalidade... Me perdi, você perguntou um negócio antes [riso]

P.J. – Que tu já estavas descontente com a modalidade, e eu te perguntei como é que tu te envolveu com o Guerreiras?

A.P. – E aí estressei, frustrei com o futebol e a Caitlin retomou a conversa comigo: “Ó têm umas coisas acontecendo”.

P.J. – Tu conheceu a Caitlin no Santos?

A.P. – Conheci a Caitlin no Santos em 2010. Ela fez algumas entrevistas, as coisas para 2011 em 2011 expôs lá na Alemanha, mas nada muito próximo, e em 2012, nesse período que eu tinha parado de jogar, antes até de ir para Pernambuco, teve a possibilidade do Rio de Janeiro da Avon, do Guerreiras pela primeira vez ter um incentivo financeiro para poder desenvolver alguma coisa. E eu abracei total e foi aquele um mês no Rio de Janeiro, vivendo esse outro lado, de palestras, de conhecer pessoas, de falar de futebol para desenvolvimento, de falar para futebol. E eu pensei: “Talvez acho que a coisa está aí, talvez eu consiga através do Guerreiras, através da nossa discussão, através das outras possibilidades que surgem falar da realidade do futebol feminino e colocar uma sementinha aqui para que essas meninas que gostam e que sonham...” Apesar do projeto não ter esse intuito, tentar colocar algum tipo de mensagem diferente do que eu vinha tentando fazer de cima para baixo. E o Guerreiras foi tomando proporção, um monte de coisa, teve esse mês muito intenso no Rio de Janeiro, eu saí de lá e uma semana depois eu estava embarcando para Pernambuco, para Vitória. O Guerreiras rolando e eu com o diretor... Eu vou , está tudo certo, vamos isso e aquilo, fazendo as duas coisas ao mesmo tempo. Fui para lá e foi onde praticamente o projeto começou a ganhar corpo na metodologia das oficinas, também com esse intuito de tentar fazer as coisas que estavam paradas lá continuarem.

P.J. – Então o Guerreiras iniciou só com vocês duas?

A.P. – Eu, Caitlin e Ana⁸ e tinham as remanescentes que é a Vani⁹ que ficou lá, que participou quando a Caitlin estava lá, pois a Caitlin jogou em Vitória de Santo Antão. E fui com esse intuito de tentar fazer as duas coisas. Óbvio que não deu certo e a Caitlin falou: “Não, você sendo a treinadora facilita porque antes a gente tinha algumas dificuldades.” Falei: “Caitlin, acho que não facilita, piora”. Porque eu sei que não dá, eu falei: “Claro, se tiver possibilidade talvez se eu tivesse ficado lá por mais tempo teria encaixado isso de alguma forma mas também por ser aquela chata. Caitlin não posso misturar, uma coisa é uma coisa, não posso dar margem”. Mas aí acabou não tendo nem tempo para isso, voltei de Pernambuco, mas depois do Guerreiras lá no Rio de Janeiro, muita coisa acontecendo sempre. Paralelamente nesse período de Pernambuco eu não estava conseguindo ser tão ativa no grupo, impossível. Quando voltei começaram acontecer outras coisas, outras oficinas, logo que eu voltei de lá também teve em Diadema, aconteceram coisas paralelas no Guerreiras, eu estava sempre fazendo e depois que eu parei, que eu desanimei, que eu frustrei de vez ali com essa questão de ser treinadora, tudo... Hoje por mais que seja a coisa que eu mais tenha prazer em fazer, talvez se eu colocasse na balança hoje, a não ser que fosse um baita projeto, porque é desgastante, você se dedica, você dá muito mais do que você recebe em troca. E eu não sei se o cenário hoje, para que eu vou colocar tudo isso para um cenário que eu vou estar fazendo esse trabalho que ninguém vai ver, que não vai fazer a diferença e nesse pacote todo. Eu fiquei mais ativa com o Guerreiras, eu fico muito feliz de poder participar, não deixo de falar de toda a minha história no futebol. Aquela preocupação da minha mãe né: “Pô, você vai deixar tudo aí como se não tivesse vivido tudo isso que você viveu que foram dezesseis anos que foi muita coisa.” Acho que através do Guerreiras eu consigo deixar tudo isso vivo, por conta disso, surgem outras coisas. Tudo que eu frustrei dentro do futebol, eu falei hoje, eu estou totalmente envolvida na parte que foi a que mais me frustrou, na verdade, que foi o extra campo. Hoje eu estou muito envolvida tentando mudar isso de alguma forma, a dor de cabeça acho que é três vezes pior do que se eu estivesse lá só preocupada com os meus treinos,

⁸ Ana Fiastro.

⁹ Nome sujeito a confirmação.

com o que as meninas tinham que melhorar e por aí vai. Uma coisa acaba levando a outra e não tem jeito. Mas eu fico feliz se eu puder dar alguma contribuição, se realmente daqui cinco, dez, quinze anos eu olhar para trás e falar assim: “Não, a modalidade aconteceu, mas se ficou, enraizou”. Então acho que isso é o que mais vai me deixar feliz. Às vezes as pessoas, muitas pessoas, que a gente convive no meio tem essa coisa imediatista e egocêntrica: eu quero receber, eu quero levar os louros... Eu sempre fui uma pessoa que com relação a isso, sou o oposto, então, estou aqui de novo toda envolvida, fazendo um monte de coisa que no retorno é só dor de cabeça, é só não dormir, mas que se daqui, seja lá o tempo que for, a gente olhar para trás e falar: “Meu, a modalidade aconteceu no Brasil”. Se respeita as atletas, se respeita a modalidade eu vou estar extremamente feliz e vai ser: pronto, consegui o que eu queria, acho que o principal era isso.

P.J. – E como é para ti: antes tu era um ícone dentro de campo, referência na seleção e para as próprias jogadoras, e hoje tu disseminar esse discurso mais político, esse lado mais militante do futebol?

A.P. – É loucura né? É maluquice [riso], não contente em estar lá dentro de campo, peguei uma fase, um final de primeira geração com mais dificuldade e preconceito, apesar de talvez um pouco mais de espaço, peguei a fase boa da coisa, de resultados e vejo hoje um cenário talvez diferente do que as pessoas vêm. Entendo de uma forma diferente e hoje estou eu lá militando, tentando melhorar as coisas que eu já... Não porque eu hoje estou ligando para o ministro e estou tendo que ligar para o ministro para organizar, para tentar falar: “Vamos repensar esse campeonato brasileiro, a forma de disputa, vamos repensar essa verba, vamos tentar melhorar, vamos tentar fazer isso, vamos tentar fazer aquilo”. E eu não estou jogando, acho que isso que é bacana, talvez o prazer que eu sinto é isso, que muitas vezes ao longo da carreira, de tudo, as pessoas te olham de uma forma que você não é, e de repente vê a Aline: “Ah, a capitã querendo aparecer ou isso ou aquilo”. Para quem algum dia também pensou isso de mim hoje é prova de que em momento nenhum meu intuito... Nunca foi e não é esse senão não teria porque eu estar fazendo isso agora. E faço de coração porque tem um monte de amiga que está jogando, todas essas andanças, essas palestras... Você vê meninas que sonham

mesmo, algumas alunas minhas de uma escolinha de um projeto: “Professora você sabe qual é meu sonho?” Eu sei: o sonho dela é ser jogadora de futebol, o sonho dela é chegar na seleção brasileira. Só que, o que eu vou falar hoje aqui, do sonho dela até a realidade mesmo tem tanta coisa aqui no meio que ninguém conta, que ninguém fala, acho que é tentar mudar esse cenário. Tem tanta menina talentosa, tem tanta menina boa, o futebol feminino pode ter um espaço muito maior do que tem, as mulheres podem ter um espaço muito maior do que tem porque são competentes, podem, só que por N motivos as coisas não acontecem.

[FINAL DA ENTREVISTA]